

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

3. Casas. Terreiros e Candomblés

A presença das religiões africanas no Brasil pode ser identificada em fontes históricas desde o início da colonização, quando os africanos chegaram ao Brasil por meio do tráfico transatlântico de escravizados. Procedentes principalmente da África Ocidental, atuais Nigéria e Benin, ou Central, atuais Angola, Congo e Moçambique, os recém-chegados procuraram recriar seu patrimônio cultural e religioso diante das novas condições de vida. Centros religiosos fundados ao longo do século XIX podem ser atualmente encontrados, evidenciando a impressionante vitalidade da tradição oral e das formas de organização religiosa dos povos africanos no Brasil.

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Casa das Minas- Kwerebentan to Zomadonu - São Luís – MA*

A Casa Mina Jeje de São Luís foi criada pelos chamados minas, procedentes do Daomé, na primeira metade do século XIX. A Casa das Minas teria sido fundada pela rainha Nan Agontime, viúva do Rei Agonglô (1789-1797), vendida como escrava por Adondoã (1797-1818). A atual sede, na Rua de São Pantaleão, esquina com o Beco das Minas, teria sido fundada em 1847, em terreno comprado por libertos. Segundo a tradição oral, a primeira chefe da Casa foi Maria Jesuína. Durante a abolição e nas primeiras décadas do século XX, a Casa das Minas teria se expandido significativamente e encontrado apoio entre intelectuais maçons e libertos. A Casa das Minas foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2002.

Referência:

VERGER, Pierre. *Uma rainha africana mãe-de-santo em São Luís*. São Paulo: Revista USP, 6:151-158. Jun. Ago. 1990.

FERRETTI, Sérgio. *Repensando o Sincretismo no Brasil*. São Paulo/Edusp, São Luis/Fapema, 1995.

Consultor: Martha Abreu

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Terreiro do Pai Adão – Ilé Obá Ogunté - Recife – PE*

Localizado na Estrada Velha de Água Fria, no bairro de Água Fria, foi criado pela africana Inês Joaquina da Costa, Tia Inês, cujas primeiras notícias no Brasil datam de 1875. Tia Inês faleceu em 1905. Após sua morte, a casa de culto foi assumida pelo crioulo Felipe Sabino da Costa, mais conhecido como Pai Adão, cujos descendentes preservam o terreiro até hoje. Trata-se de antiga casa de culto nagô ainda em atividade, tombada por Decreto Estadual nº 10.712 de 5 de setembro de 1985.

Referência:

LINS, Anílson. *Xangô de Pernambuco: a substância dos orixás segundo os ensinamentos contidos no Manual do Sítio de Pai Adão*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

Consultor: Luiz Geraldo Silva

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Casa de Tio Herculano – Laranjeiras – SE*

Embora Herculano tenha chegado a Laranjeiras na condição de escravizado, não se sabe ao certo quando conseguiu a liberdade. Ao falecer na mesma cidade, em 1907, revelou, através de seu inventário, que havia conseguido adquirir algumas posses. Dentre elas, destacava-se a casa que era sede do terreiro nagô que então dirigia, na rua Comandaroba. Nos documentos oficiais, Herculano aparecia como Herculano da Costa ou Herculano Barbosa, provável nome de família de seu antigo senhor. Herculano foi casado com Bernarda, com quem teve 8 filhos. Seus descendentes até hoje se encarregam da guarda dos santos. A Casa foi restaurada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2011.

Referência:

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*. Graal: Rio de Janeiro, 1988.

Consultor: Beatriz Góis Dantas

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: Terreiro da *Casa Branca do Engenho Velho – Ilê Axé Iyá Nassô Oká*
- *Salvador – BA*

Primeiro Monumento Negro tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1986. Segundo a tradição oral, os primeiros axés do candomblé ketu-nagô teriam sido plantados, nas primeiras décadas do século XIX, na Ladeira do Berquió, próxima da Igreja da Barroquinha, centro de Salvador. Na segunda metade do século XIX, o terreiro se transferiu para o Engenho Velho da Federação, então subúrbio da cidade, onde hoje se encontra. As primeiras lideranças foram das africanas libertas da Costa da África, Francisca Silva, conhecida como Iyá Nassô (título mais alto do culto de Xangô do Império de Oyó), e Marcelina Silva (Obatossi), sua sucessora. Ambas foram juntas à África, na década de 1830, mas apenas Marcelina retornou.

Referência:

CASTILLO, Lisa Earl e PARÉS, Luis Nicolau. Marcelina da Silva e seu mundo: novos dados para a historiografia do candomblé Ketu. Salvador, Afro-Ásia, 36, 111-151, 2007. http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia36_pp111_151_CastilloPares.pdf Acesso em: 15 de abril 2013.

SILVEIRA, Renato. *O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de Keto*. 1. ed. Salvador: Edições Maianga, 2006. v. 1. 648p .

OLIVEIRA, Rafael Soares. *Feitiço de Oxum: um estudo sobre o Ilê Axé Iyá Nassô Oká e suas relações em rede com outros terreiros*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ciências Sociais, Salvador, 2005.

Consultor: Rafael Soares Oliveira e Lisa Earl Castillo

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Terreiro do Alaketu – Ilé Maroiá Laji- Salvador – BA*

Terreiro de nação nagô-ketu, fundado pela liberta Maria do Rosário, originária da aristocracia do reino de Ketu. Localizado no bairro de Matatu desde a década de 1830, quando Maria do Rosário e sua filha compraram terrenos na região, trata-se de um dos mais antigos candomblés da Bahia ainda em funcionamento. O terreiro foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2005.

Referência:

SILVEIRA, Renato da. “Sobre a fundação do Terreiro do Alaketu”, *Afro-Ásia*, 29-30 (2003), 345-79. Disponível em:

http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n29_30_p345.pdf. Acesso em: 14 de novembro, 2012.

CASTILLO, Lisa Earl. “O terreiro do Alaketu e seus fundadores: história e genealogia familiar, 1807-1867” *Afro-Ásia*, 43 (2011), 213-259. Disponível em:

http://www.afroasia.ufba.br/pdf/AA_43_LCastillo.pdf. Acesso em: 14 de novembro, 2012.

Consultor: Nicolau Parés

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Terreiro do Gantois – Ilé Iyá Omi Axé Iyamasse – Salvador – BA*

O Candomblé do Gantois teria sido fundado entre as décadas de 1860 e 1880, no alto do Gantois, bairro da Federação. A denominação Gantois provavelmente está associada ao fato do terreno ter sido arrendado de Eduardo Gantois, um conhecido traficante de escravos belga e dono de várias propriedades imóveis. Divergências ocorridas na linha sucessória da Casa Branca do Engenho Velho teriam motivado a criação do terreiro por Tia Julia, liberta nagô, casada com o africano liberto de nação jeje, Francisco Nazareth de Etra. Entre seus filhos, Maria Púlqueria da Conceição Nazaré sucedeu a mãe na liderança do terreiro por volta de 1910, conforme a tradição oral. Pulqueria faleceu em 1918, sendo substituída por uma irmã de sangue, Maria da Glória, e depois pela filha desta, Maria Escolástica da Conceição Nazaré (1894-1986), a Mãe Menininha. Como na Casa Branca, Oxóssi e Xangô ocupam lugares privilegiados no panteão.

Referência:

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

VERGER, Pierre F. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador/ São Paulo: Corrupio/ Círculo do Livro, 1981.

Consultor: Sarah Amaral/ Lisa Earl Castillo

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Terreiro do Bogum - Zoogodô Bogum Malê Hundó – Salvador – BA*

Terreiro de nação jeje-mahi, fundado no bairro do Engenho Velho da Federação. Está na ativa desde pelo menos a década de 1860, quando era liderado pelos africanos José Moraes, Isidoro Melandras e Raquel. Naquele período, existia uma estreita relação com o terreiro homônimo de Cachoeira (BA). Desde o início do século XX, sua liderança foi exclusivamente feminina. Recentemente foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia (IPAC) e está em processo de tombamento junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Referência:

DUARTE, Everaldo. “O terreiro do Bogum e o Parque São Bartolomeu”, in Ana Luzia MenezesFormigli et al. (orgs.), *Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura*. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998, pp. 19-22.

PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2007, pp. 196-97, 209.

Consultor: Nicolau Parés

**Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da
História dos Africanos Escravizados no Brasil**

Local: *Roça do Ventura – Terreiro Zoogodô Bogum Malê Seja Hundé –
Cachoeira – BA*

Os africanos Tio Xareme e Ludovina Pessoa, em meados do século XIX, nas imediações da cidade de Cachoeira, no antigo caminho do Engenho do Rosário, fundaram a Roça de Cima, terreiro de nação jeje. No final desse século, Ludovina Pessoa, junto com sua filha de santo, Maria Luiza Sacramento, fundou na Roça do Ventura, vizinha da Roça de Cima, o Terreiro do Zoogodô Bogum Malê Seja Hundé, ainda em funcionamento.

Referência:

PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2007, pp. 196-97, 209.

Consultor: Nicolau Parés

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Candomblé do Capivari – São Félix – BA*

Localizado a cerca de 6 km da cidade de São Félix, na margem direita do riacho Capivari, logo após a entrada do antigo Engenho de Nossa Senhora da Natividade da Fazenda Capivari. Foi fundado pelo africano Anacleto Urbano da Natividade Tosta, escravo nagô, e feitor do referido engenho. Tio Anacleto de Omolú foi autorizado pelo seu senhor a manter o terreiro após mostrar suas qualidades de “curador” na epidemia de cólera de 1860, que vitimou dezenas de escravos do plantel do engenho Natividade e das redondezas. O barracão foi construído em volta de um imponente pé de cajá consagrado ao orixá Irôco e, por isso, o terreiro é conhecido também como “candomblé do cajá”. Permanece na ativa até hoje.

Referência:

PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2007, pp. 196-97, 209.

NASCIMENTO, Luiz Claudio Dias. “Terra de macumbeiros”. Redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé jeje-nagô em Cachoeira e São Félix – Bahia. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2007.

Consultor: Nicolau Parés

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Ilê Axé Opô Afonjá – Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ)*

O terreiro foi fundado em 1910, no bairro de São Gonçalo, por Eugênia Ana dos Santos (1869-1938), Mãe Aninha, filha de pai e mãe africanos. Conta-se que um terreiro anterior a 1910 foi fundado por Mãe Aninha, Bamboxé e Joaquim Vieira da Silva (Obasaniá), os dois últimos africanos, no bairro da Saúde, no Rio de Janeiro, em 1886. Um primeiro assentamento para Xangô Afonjá teria sido feito próximo à Pedra do Sal, Rio de Janeiro.

Referências:

ROCHA, Agenor Miranda. Os candomblés antigos do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Mauad, 2000, p. 25

AUGRAS, Monique e SANTOS, João Baptista. “Uma casa de Xangô no Rio de Janeiro”. IN: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.), *Somàvo. O Amanhã nunca termina. Novos escritos sobre a religião dos voduns e orixás*. São Paulo, Empório, 2005.

Consultor: Nicolau Parés

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Local: *Pedra do Sal – Rio de Janeiro – RJ*

Tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), em 1987, a Pedra do Sal é considerada um marco cultural da africanidade brasileira, espaço ritual consagrado e o mais antigo monumento vinculado à história do samba carioca. Como nas redondezas se carregava o sal, popularizou-se como Pedra do Sal. Segundo o parecer do historiador Marcelo Moreira Ipanema, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), ali se instalaram os primeiros negros da Saúde, encontraram-se as Tias Baianas, soaram os ecos das lutas populares, das festas de candomblé e das rodas de choro. A Pedra do Sal sofreu um impressionante corte, na década de 1830, quando foi aberta a Rua Nova de São Francisco da Prainha (hoje Sacadura Cabral). Realizada com o braço escravo, a obra contou com a presença de muitos africanos, como Mariano Mina, Vicente Moçambique, Antonio Benguela, Antonio Congo, Manoel Mina e Ignacio Moçambique.

Referência:

MATTOS, Hebe e ABREU, MARTHA. Relatório Histórico-antropológico sobre o Quilombo da Pedra do Sal: em torno do santo, do samba e do porto. In: O'Dwyer, Eliane Cantarino. *O fazer antropológico e o reconhecimento de direitos constitucionais. O caso das Terra de Quilombo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, E-papers, 2012

Consultor: Martha Abreu